OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

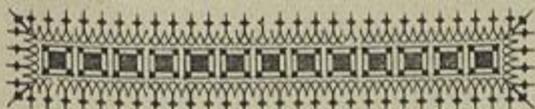
22.º Anno — XXII Volume — N.º 749

20 DE OUTUBRO DE 1899

Redacção – Atelier de gravura – Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Mais vale não falar no que se passa. Para quê? Peste e guerra!...

Para que havemos de falar n'isso? Mais lindos instrumentos que sinos a dobrarem são os guisos dos bobos, sem que façam excepção sequer os dos muitos que deram em tragicos, desde o Triboulet e o D. Bibas de honrada memoria.

E não faltariam á minha chronica as notas picarescas se d'ella fizesse estendal do que, por entre guisalhadas, vão da guerra e da peste dizendo as nullidades sentenciosas.

A familia Calino emproou se e deu toda em Prud'homme! A asneira mansa desappareceu da face da terra. Já não ha senão das gordas.

O que parece incrivel é a envergadura d'uma calumnia idiota. Nem a d'uma aguia, que passa entretanto por ser a rainha das aves!

Foi assim que contra o dr. Ricardo Jorge, — a quem, ha poucos dias tivemos o prazer de apertar a mão em Lisboa — se fantasiou a mais estupida das mentiras, sem rival desde a muito celebre dos jesuitas roubando meninos para fazer oleo humano. Lembram-se?

Agora é, escondido na manga do casaco, um rato atacado de peste e muito bem ensinadinho, que morde nos doentes a quem o medico toma o pulso.

Terá tambem o Ricardo Jorge alguma fabrica d'oleo para fazer crescer o cabello ou alguma nova especialidade de empadas de tutano, como as do celebre pastelleiro de lugubre tradição?

E alguns dos que mais contrarios á evidencia se mostravam, já pagaram com a morte a temeridade da ignorancia.

Mas não falemos em coisas tristes, e, no meio da multidão de noticias tragicas, alegremo-nos com os episodios comicos, com os commentarios inauditos, com as patranhas que já fizeram de cada boer um novo barão de Münchausen. Até de cada cem tiros acertavam sempre noventa e oito! Cento e um effectivamente era exagero.

E logo, a querermos fugir da peste, fomos cahir na guerra!

Peste e guerra!... Para quando a fome?

Vinha a pêllo falarmos do monopolio da carne; mas, por esse andar, tinhamos que emmoldurar a chronica em tarjas negras.

Não faltarão occasiões para contar tristezas; mas por hoje contente-se cada qual com as suas, que não serão poucas, e deixemos as de todos para outra vez.

Vamos a ver se respigamos por aqui, por acolá, alguma noticia festiva, d'estas que tenham o condão de em todos os rostos abrir um sorriso, em todo o olhar accender um brilho novo.

Não é facil; a sorte grande nunca pode sahir a todos ao mesmo tempo. Se o saragoçano não tivesse morrido, talvez lhes pudesse annunciar algum dia bonito do proximo verão de S. Martinho; mas até faltam agora prognosticos, que, aliás, tanta vez falhavam.

Alegrarei portanto esta pagina, se não com uma novidade, porque tarde chego, ao menos com uma simples referencia a uma obra toda ella gerada n'um coração nobilissimo, a que todos os homens de coração tem respeitoso amor.

CANTOS SAGRADOS, assim se intitula o ultimo volume de versos publicado por Manuel de Arriaga.

E quando eu estava falando de tanta e tão diversa tristeza que nos acabrunha, de tanta calamidade que nos ameaça, tinha o formoso livro aberto na pagina, em que fulgia este soneto consolador:

AMOR E PROVIDENCIA

Emquanto eu, alta noite, velo e lido,
Por vós mantendo innumeros cuidados,
Dormis, caros filhinhos, socegados
Em torno a mim o sonho appetecido!

Dormis?! sonhaes de certo... e eu pae envido
Meus esforços por ver realisados
Vossos sonhos gentis e perfumados:
Ampara-vos um peito estremecido.

Outro Alguem faz por nós o que eu vos faço:
Com suprema bondade e sapiencia,
Rege os mundos que rolam pelo espaço!

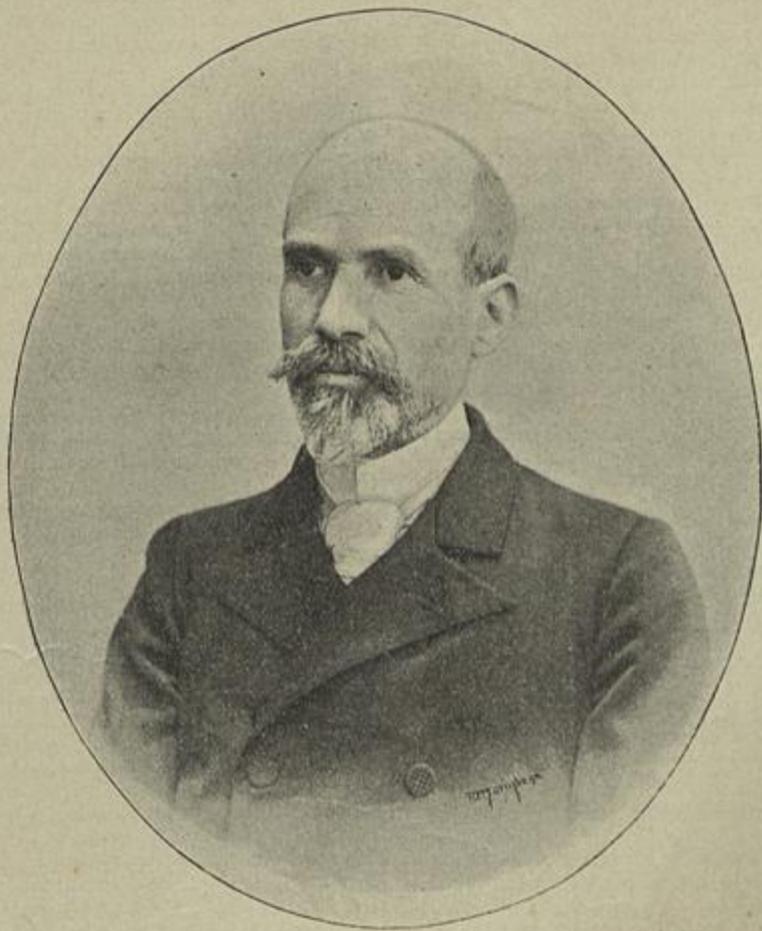
Esse Alguem é o Amor por excellencia,
O formidavel e invisivel braço,
E o olhar que nunca dorme — a *Providencia!*

Não é verdade que faz bem á alma, em meio das trevas, ler versos d'estes que tão bem nos sabem falar da luz da esperança? Confiemos como elle, o excellente poeta, nos aconselha, e atraz dos dias carregados de nuvens côr de ferrugem, cuja melancolia parece penetrar-nos até ao mais intimo da alma, dias hão de surgir n'uma alleluia que a Providencia decerto nos prepara aos que sabemos crer e esperar.

Não é verdade que ha de ser assim, caro poeta que tanto confias na Luz?

E já que falámos de versos, seria caso de consciencia não nos referirmos á ultima obra do Fausto Guedes. Grande poeta, dos maiores da geração moderna, é o seu livro como um bilhete de despedida aos amigos.

A lucta pela vida, a que o obriga seu recente casamento, levou o auctor da *Esperança nossa* e da *Carta a um Poeta* a sollicitar um emprego na provincia de Moçambique, para onde muito brevemente deve partir. Boa viagem e que não se esqueça de nós, que tanto o admiramos.

Mas custa realmente escrever os titulos de duas tão bellas obras ao pé d'estas palavras tão frias: *sollicitar um emprego na provincia de Moçambique.*

DR. FRANCISCO GOMES TEIXEIRA

(Copia de uma photographia do sr. E. Biel)

E sempre a cahirmos em tristezas! Deve ser d'esta noite horrivel, d'estas bategas d'agua que nos entristecem com seus cantos lugubres na vidraça, d'este céo de chumbo que nos esconde a lua.

Foi-se o ultimo dia de verão, um domingo com toirada de curiosos em Cascaes. Vinte e duas mil pessoas sahiram n'esse dia de Lisboa! Bem fizeram aproveitando. Os theatros á noite encheram-se á cunha.

Já todos estão abertos com excepção do theatro da Avenida para onde irá representar a Pepa, ha pouco chegada do Brazil, alegre sempre e buliçosa como um pintasilgo. Boas noites nos prepara, que todos havemos de querer matar saudades.

Quando nas *Agulhas e Alfinetes* a actriz Lopiccolo fazia a imitação da Pepa, metade dos applausos eram para esta ainda.

Passeando de cá para lá no palco, em passinho de valsa, um ar muito petulante:

«Sou a estação das flores,
Bella estação de amores!»

Temos a Pepa outra vez!

E ora até que emfim vai uma bella noticia para todos!

Os outros theatros vão preparando dramas e comedias para o inverno. Sete peças novas serão representadas no theatro de D. Maria e outras tantas no de D. Amelia.

A Trindade vai de vento em pôpa. Nem a chuva lhe fez mal! Ensaia-se uma magica do Garrido!

Na Rua dos Condes reappareceu a actriz Mercedes Blasco, fazendo na ultima revista de Schwalback muitos dos papeis em que a Lopiccolo tanto se salientára. Agradou.

O Gymnasio vai variando seus espectaculos, emquanto não offerece ao publico qualquer peça de sensação.

E as estrellas não tardam. Ellas a chegarem e quasi todo Cascaes a mudar-se para Lisboa. Alguem por lá ficará na esperança de desforra ou de conseguir o preço d'uma assignatura para a Réjane. Pois feliz será se ainda trouxer os dois tostões da geral do circo.

Muito se continua a fallar em jogo e até algum jornal tem publicado eloquentissimos artigos com grandes preambulos sobre a desgraça do vicio e a necessidade de tributal-o.

Tudo isso parece querer dizer mais uma concessãosinha no horisonte. Livrem-nos d'essa vergonha! Livrem-nos de mais uma tristeza!

E por mais que façamos, na tristeza vimos sempre a cahir! Não ha fugir-lhe.

Ha dias assim. Hypocondria talvez. E se assim fôr que fazer-lhe?

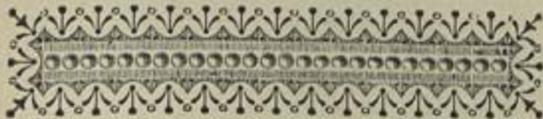
Com um celebre melancolico gastou um medico celebre todos os remedios hilariantes da botica. E o homem cada vez mais triste, cada dia vendo horizontes mais negros, soffrendo cada noite de mais horriveis pesadêlos!

E o medico folheava calhamaços velhos e novos, compunha os mais complicados elixires e não havia meio de combater a mais horrivel das doenças no mais tristonho dos horrores! E então disse-lhe um dia:

— Homem, porque não vai você ao circo? Ainda hontem lá vi o mais fantastico, o mais extraordinario, o mais original, o mais alegre de todos os palhaços. É elle entrar na arena e brotarem gargalhadas de todas as bocas. Experimente. Se nem lá lhe reapparecer o riso, é que você está perdido para sempre.

— Obrigado, sr. doutor, pelo conselho. Mas esse palhaço... sou eu!

Fome, peste e guerra .. Não admira que haja dias negros...

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

DR. FRANCISCO GOMES TEIXEIRA

O illustre professor da Academia Polytechnica do Porto, cujo retrato honra o nosso periodico, nasceu em S. Cosmado, concelho de Armamar, districto de Vizeu, em 28 de janeiro de 1851, e conta, portanto hoje 48 annos de edade.

É uma das glorias mais levantadas e mais puras do nosso paiz. Ninguem lhe contesta a primazia entre os mathematicos da peninsula iberica, primazia que tem affirmado por trabalhos que ficarão memorados na alta analyse e na geometria.

O dr. Gomes Teixeira foi primeiro nomeado professor na Universidade em 1876 e pediu depois em 1883 a sua transferencia para a Academia Polytechnica do Porto.

O conselho d'esta Academia acolheu por tal forma esta pretensão, que tomou sobre si a iniciativa de representar ao governo instando que, sem formalidades de novo concurso, lhe fossem abertas as portas d'aquella Academia, como coisa que muito lhe interessava.

A representação dispensa os nossos commentarios: «O requerente, dizia-se n'esse documento, alem das provas e titulos scientificos que o admittiram no magisterio da Universidade tem dado tantas e tão publicas provas dos seus talentos e estudos, que esta Academia não mostraria zelo pelo seu adiantamento, se não empenhasse os seus esforços em adquirir tão notavel professor.

«Como estudante teve a carreira mais brilhante a que se pode aspirar: a Universidade alem dos primeiros premios e partidos, conferiu-lhe nas informações o limite maximo, isto é, 20 valores, classificação que nunca antes fôra concedida, e não o tornou a ser.»

Já antes publicou o seguinte trabalho:

Desenvolvimento das funcções em fracções continuas.

Como doutor, obteve as mesmas extraordinarias informações, e tornou-se notavel não so pela novidade de algumas theses, como pela importancia da sua dissertação inaugural.

Integração das equações de derivados parciaes de 2.ª ordem.

Como candidato ao magisterio apresentou a seguinte memoria:

Coordenadas obliquas na mechanica.

Como professor tem sido d'uma fecundidade nunca vista n'este paiz em assumptos tão difficeis, como se pode ver pela enumeração das snas principaes memorias:

1 — *Sur le nombre des fonctions arbitraires des intégrales des équations aux dérivées partielles* (Mémoires de la Société des Sciences de Bordeaux — tomo III).

2 — *Sur la décomposition des fractions rationelles* (Jornal de Sciencias mathematicas e astronomicas — tomo I).

3 — *Sur les principes du Calcul infinitésimal* (Mémoires de la Société des Sciences de Bordeaux — 2.ª serie — tomo IV).

4 — *Prelecção sobre a origem e principios do Calculo infinitesimal* (Jornal de Sciencias mathemathicas e astronomicas — tomo III).

5 — *Sobre a multiplicação dos determinantes* (Jornal de Siencias mathematicas e astronomicas — tomo III).

6 — *Sur les dérivées d'ordre quelconque* (Giornale di Mathematiche diretto dal G. Battaglini — tomo XVIII).

7 — *Sur le développement des fonctions implicites en une série* (Journal de Mathématiques pures et appliqueés de Liouville — 3.ª serie — tomo VII).

8 — *Sur l'intégration d'une équation aux dérivées partielles du deuxième ordre.* (Comptes rendus de l'Académie des Sciences de Paris — tomo XCIII).

9 — *Sur l'intégration d'une classe d'équations aux dérivées partielles du deuxième ordre* (Bulletins de l'Académie royale de Belgique — 3.ª serie — tomo III).

10 — *Sur la théorie des imaginaires* (Annales de la Société scientifique de Bruxelles — tomo VII — Mathesis — tomo III — Rivista di Mathematica — tomo V).

11 — *Sur une formule d'interpolation* (Mémoires de la Société royale des Sciences de Liége — 2.ª serie, tomo X).

e por isso é elle hoje considerado o primeiro analysta portuguez.

São prova d'isto os seus titulos scientificos: o de socio do Instituto de Coimbra, socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da Sociedade de Sciencias physicas e naturaes de Bordeaux: da Sociedade Real de Sciencias de Liége; da Sociedade Scientifica de Bruxelles.

Portugal deve um grande serviço ao dr. Gomes Teixeira; é a publicação do seu jornal de sciencias mathematicas e astronomicas, uma publicação scientifica em assumptos tão especiaes, que tem feito conhecida a nação e incitado ao trabalho alguns talentos que jaziam improductivos.

Ahi está a obra do distincto professor da Universidade em 8 annos e a razão porque este conselho faz votos pelo deferimento da sua pretensão».

Isto dizia o conselho da Academia Polytechnica em 1883.

Depois d'esta data, a carreira do eminente mathematico tem sido sempre uma serie de triumphos e glorias.

Publicou, já professor da Academia Polytechnica, um — *Tratado de calculo infinitessimal*, em 3 volumes (1896-97), que tem merecido as mais levantadas referencias ao seu auctor, sendo equiparado aos mais notaveis tratados escriptos actualmente em materia tão transcendente. Ainda no numero de julho do *American Journal of the american mathematical Society*. a classifica de admiravel o prof. James Pierpout da Universidade de Jale (Canadá), dizendo que era de lamentar que a lingua portugueza não fosse mais conhecida, para o livro ser apreciado como merecia, porquanto em inglez não havia obra de calculo que se lhe pudesse equiparar.

Quando ha annos o chorado monarcha D. Luiz I instituiu o premio que tem o seu nome, foi o dr. Gomes Teixeira premiado, como era de toda a justiça pelos seus notaveis trabalhos mathematicos.

Em 1897 pôz a concurso a Real Academia de Sciencias exactas, physicas e naturaes de Madrid o thema — *Curvas geometricas.*

Foi com outros sabios estrangeiros, o nosso distincto mathematico um dos concorrentes; e de tal valor foi considerado o seu trabalho, que em sessão de 14 de julho do corrente anno, por votação unanime da sessão, lhe foi conferido o premio de 1500 pesetas, o qual lhe será entregue em sessão solemne da referida Academia, no corrente anno.

Este esboço dos serviços do nosso primeiro mathematico e de um dos sabios e professores mais illustres, entre os primeiros do nosso paiz; ficaria incompleto se não levantassemos um pouco o veu do seu caracter que não desdiz da sua illustração e do seu talento.

De uma modestia, que poderiamos taxar de excessiva e rara, se esta qualidade não fosse mais commum do qne se pensa nos homens de merecimento superior; de uma perfeita boa fé e de uma lealdade de affectos sem quebra; extremamente benevolente para com todos e tendencia sempre a apreciar os actos e o procedimento dos outros pelo melhor lado; — O dr. Gomes Teixeira poderá ter adversarios e criticos, (quem os não tem, com o merecimento de que elle é dotado!), não deve ter com certeza inimigos. As honras excepcionaes que lhe tem sido conferidas pelos seus trabalhos, honras que outros procuram com ardor febril, não tem vindo alterar n'uma linha, nem o seu systema de vida, nem a sua actividade, nem a sua bonhomia e a simplicidade de seus sentimentos.

O BILHAR NO CONVENTO

Não se julgue que todas as ordens monasticas eram tão rigidas e severas como a dos frades cartuxos. A nossa estampa bem o prova. N'aquellas mansões de estudo e oração, os bons dos freires tambem se permittiam jogos hygienicos, exercicios moderados que preparassem uma boa digestão.

O *bilhar* não pode ser um jogo muito antigo, pelo que se vê que os frades se apressaram em o exercitar no remanso do seu claustro. É um jogo de calculo e como tal muito apreciado por espiritos illustrados. Este jogo, de origem franceza, faz-se, como se sabe, com bolas de marfim sobre uma grande banca com uma superficie plana e nivelada, coberta de flanella verde, e que em geral é constituida por uma grande placa de lousa, de que dão tão bons exemplares as nossas louseiras de Vallongo. O forro de flanella de lã é para que se diminua o attricto das bolas de marfim quando em giro, e nos rebordos tem a banca umas tiras elasticas chamadas *tabellas*, onde a bola realisa a conhecida lei physica de que *o angulo de reflexão é egual ao de incidencia*, e pela qual se resolvem todos os problemas d'este jogo. A grande vareta de madeira com cuja ponta forrada de sola se percute a bola chama-se *taco*. A percutição firme e certeira designa-se por *tacada*. Quando se percute a bola suavemente diz-se *fíninho*; e quando se emprega força maior chama-se *dar-lhe effeito*.

É uma qualquer d'essas *tacadas* que o rev.º padre mestre do convento, na estampa que reproduzimos, tem que dar. Gordo e anafado, colloca-se na posição devida e tenteia a pancada por baixo ou por cima da bola como melhor lhe parecer. Deve ser bola difficil, porque um dos frades, velho sabido, se ri com ar escarninho, e os outros mostram curiosa anciedade. Até o que, mais affastado, está dando giz no taco, para que não resvale

pela bola quando jogar, mostra um sorriso de duvida pela pericia do gordo padre-mestre do convento.

Interessante, deveras, é pois a scena representada na estampa.

A PERDIZ

Quem não aprecia esta saborosa peça de caça, que tanto abunda na peninsula, e que tão perseguida é no tempo venatorio! A'quelles que tanto a estimam no prato, dedicamos a estampa.

A perdiz pertence a um genero de aves da familia das gallinaceas, de que se encontram quatro especies na Europa. Pelas outras partes do mundo existem muitas outras variedades. Nos Alpes ha-as de côr branca com garras nos pés.

A perdiz distingue-se pelo corpo robusto, o pescoço curto, a cabeça relativamente grande, bico pequeno e recurvado, com as fossas nazaes cobertas de pequenas plumas. Tem a plumagem do corpo lisa, abundante e compacta, com bonito colorido, vermelho e acinzentado.

E' a *perdiz rubra* da peninsula a especie que tem maior numero de apreciadores e a mais vulgarmente conhecida entre nós. Na Allemanha e na Inglaterra tem-se querido acclimatal-a, e as primeiras tentativas datam de 1828 feitas por lord Fiffe, ao qual se seguiu, em 1847, o marquez de Breadalbane.

A perdiz é uma ave que não pousa em arvores, pouco se levanta da terra e ainda que tenha o vôo muito limitado faz com as azas grande estrondo. No solo corre muito e no ar, na primeira arrancada, consegue percorrer uma consideravel distancia.

Diz-se que a perdiz põe ovos em dois logares distinctos, e que a uns choca-os o macho e a outros a femea.

E' um facto interessante que se tem querido averiguar.

Ao contrario das codernizes as perdizes são sedentarias e affastam-se pouco do sitio que as viu nascer. Vivem geralmente em bandos de dez, vinte ou mais, pertencentes a diversas familias, e que de ordinario pouco se distanciam d'um mesmo logar.

A actividade da perdiz começa logo ao raiar do dia e assim que vem rompendo a madrugada ouve-se o seu canto especial.

Nos manuaes da caça indicam-se os varios modos de apanhar a perdiz; em Portugal usa-se o tiro e os cães, ao passo que em Hespanha se emprega mais o *reclamo*, isto é um perdigão engaiolado, e a rede.

Entre os adagios dos nossos caçadores conservam-se os de que:

«Perdiz derreada perdigotinhos guarda.»

«Fevereiro couveiro faz a perdiz ao poleiro; março tres ou quatro; abril cheio está o covil; maio pio pio pelo matto.»

A estes annexins da perdiz accrescenta o padre Bluteau os que se referem a ella como iguaria appetitosa:

«Do peixe a pescada e da carne a perdiz.»

«Perdiz açorada é meia assada.»

«A perdiz com a mão no nariz.»

«Perdiz é perdida se quente não é comida.»

UM MENDIGO

Infelizmente o typo de mendigo é bem vulgar, para que o artista tivesse de phantasiar ou procurar muito, antes copiou com toda a intuição do seu lapis bem aparado o original que a gravura reproduz.

Manuel de Macedo accrescentou mais um typo interessante á sua vasta collecção de costumes e figuras em grande numero já aqui publicados.

A mendicidade, como tudo n'este mundo, é bastante antiga e portanto tem a sua historia. É a etymologia latina que o explica mostrando que o termo *mendigo* vem de *mendicus* de *manu dicus*. Isto assim significa que antigamente os que mendigavam não pediam falando, mas sem abrir bocca e apenas estendendo a mão.

O mendigo reproduzido na nossa estampa, andrajoso como está, provoca as arremettidas dos cães de guarda, que mais lhe despedaçam a informe vestimenta, e mette medo ás crianças. Triste condição a da pobreza, a que só resta a consolação do Evangelho que d'ella são os thesouros do céo.

DR. JOAQUIM EVARISTO

Adiposo, pachorrento; uma côr terrosa na face bochechuda; a madeixa prateada, em pôpa sobre a testa; bigode farto, mais branco do que negro; o nariz levemente arrebitado e dois olhitos muito vivos, muito intelligentes; as mãos papudas e cheias de covinhas, como as dos anjos de Murillo; um ventre de bom conselheiro e de gastronomo. — eis o esbocetto rápido d'essa personagem celebre da medicina portugueza. É um typo genuinamente nacional, com toda a indolencia meridionnal e todo o poder assimilativo da nossa gente.

É d'ali da Moita: o sol que o aqueceu deu-lhe o sentimentalismo proprio e um humorismo raro nas creaturas da raça.

Tem o espirito elastico e subtil como uma lamina de florete, mas é lealissimo no ataque e limita-se a um fio d'ironia sem as brutalidades pungentes da velha graça portugueza. Uma predisposição instinctiva para a clinica junta á sua paciencia innata e quasi paternal, fizeram d'elle o especialista d'um genero de doentes do mais difficil tratamento: as creanças. Era vel-o, installado ao pé dos pequeninos berços, carinhoso e alegre, espreitando o momento d'um sorriso do pequerrucho; tornando-se creança para lhe captar a amizade; affeiçoando-se, descendo á intimidade dos brinquedos e interessando-se por todos os extravagantes desejos dos doentinhos. Com a divisa que bem lhe cabe do «devagar que tenho pressa», traduzida n'uma inimitavel pachorrice, ia conseguindo dos *bébés*, a par d'uma affeição sincera, a obediencia gostosa ás prescripções.

Pouco a pouco, pela clinica afóra, appareciam-lhe creanças portadoras de bacillose, victimas d'uma ascendencia terrivel que lhes transmittira senão o mal pelo menos o terreno feito para a sua germinação. Eram de todas as especies: meningiticos, asciticos, com tumores brancos, com arthrites etiologicamente tuberculosas. Cheio d'amor por esses desgraçados, convencido da pouca importancia dos processos therapeuticos em uso e levado por varios e complexos factos scientificos a uma acquisição nitida de conclusões theoricas, chegou á sua importante descoberta do sôro para cura da tuberculose. Surgiram logo na pratica, magnificos resultados e hoje ainda, em que o processo está titubeante, os casos são de molde a agoirar bem da preciosa descoberta. Alguns factos negativos nada provam sobre o valor do sôro. Ha em muitos d'elles a certeza do nullo effeito antes da applicação do processo, que só se fez por altruismo e compaixão para com moribundos.

Guerra de profissionaes gananciosos, — que a tem havido a occultas, — sobre ser desnecessario, é torpe.

Joaquim Evaristo é um grande caracter scientifico e tão altamente honesto que seria capaz de inutilisar a propria descoberta se se convencesse da sua nullidade.

Mas não; não ha-de ser assim. O sôro que descobriu conservar-se ha em sciencia como uma coisa segura e positiva, para bem da humanidade, gloria do paiz e immortalidade do nosso illustre medico.

Manuel Penteado.

A SOPA ECONOMICA NO LARGO DE ARROIOS

Desenho de Domingos Antonio de Sequeira, gravura de Queiroz

1813

II

Marquez de Sousa Holstein tratou com tão esmerada, tão bem acompanhada individuação documental tudo que se refere á vida do grande Domingos Antonio de Sequeira, até ao acabamento da celebre baixella, offerecida pelo governo de Portugal a lord Wellington (julho de 1816), e apuramento das respectivas contas (agosto de 1817), que nada mais, a bem dizer, haverá que accrescentar, ácerca d'este periodo da vida artistica do insigne pintor. Por isso mesmo é para sentir que a abrupta terminação da excellente Revista illustrada, onde os artigos do nobre biographo vieram a lume, fosse causa a que de todo, e porventura para sempre, ficassem por estudar, esclarecer e documentar os restantes annos de tão privilegiada existencia, e n'elles, justamente, os que viram o genio do grande artista revelar-se, emfim, por modo tão extraordinario e brilhante, justificando então plenamente quantos encomiasticos epithetos até ahi se ajuntavam ao seu, em verdade, muito justiceiramente já laureado nome.

Com relação, pois, á estampa famosa de que esta *Revista* acaba de conseguir dar uma tão excellente e nitida reproducção, em photogravura que não faz senão confirmar os creditos do distincto artista que tem, com assás feliz exito, cultivado esta especialidade, buscaremos reunir em apropriado extracto quanto Marquez de Sousa com grande individuação escreveu. Não nos seria licito deixar tão satisfactorias paginas em esquecimento, tratando se, demais, de bem fazer acompanhar a realisação do desejo que a empreza d'esta *Revista* manifestára a um amigo tão distincto, quanto é intelligente e curioso amador do genero; o sr. Carlos Maria da Silva Flores, de enriquecer as suas paginas com a reproducção do muito bem conservado exemplar da famosa estampa, de que este cavalheiro é feliz possuidor.

Narra pois Marquez de Sousa, em substancia, que tendo Domingos Antonio de Sequeira sido victima de provaveis intrigas de collegas seus, e seus subordinados nas obras do palacio real da Ajuda, e — o que é mais repugnante — seus obrigados, por protecção e beneficios recebidos de seu desditoso collega e chefe, se vira envolvido na perseguição jacobina que no terrivel periodo de 1808 a 1809 a tão duras provas sujeitou milhares de pessoas de todas as condições e jerarchias, não só em Lisboa, mas em todo o reino.

Preso, desde o fim de 1808 até setembro de 1809, na cadeia do Limoeiro, de onde saiu, ao que parece, *por favor*, o nosso grande artista não conseguio, todavia, ser reintegrado no cargo que, até ao tumultuario acto da sua prisão exercera, de director das pinturas do real palacio da Ajuda. E como logo em sahindo da cadeia contrahira novo estado, casando a 16 de outubro na parochial de Nossa Senhora dos Martyres, com D. Marianna Benedicta Victoria Verde, desobrigado de suas occupações em palacio, com mais que sobrado motivo desgostoso do que por lá ia já, aborrecido do sitio, e porventura, (diremos por nossa conta) desejoso de interpor boa distancia entre si e os *portadores de novidades*, os amigos officiosos, de todos nós conhecidos, que *levam e trazem*, em determinadas circumstancias da vida de cada um, Sequeira resolveu mudar de residencia, talvez mais appropriadamente, ir *pôr casa* com sua esposa, no campo de Santa Barbara, n'um predio de que, reflectimos, não seria difficil, talvez, conhecer, se se quizesse, a situação, visto como é sabido o nome do senhorio (Fulano Bomjardim), e que a numeração policial lá ahi deveria ter chegado em principios de 1810, epocha da installação de Sequeira em seu novo sitio e residencia [1].

Como quer que seja, o auctor do desenho da *Sopa economica*, morando ainda a Santa Barbara na occasião em que se organisou esse beneficio, para acudir aos emigrantes das provincias para a capital, e contribuindo acaso, tambem para elle, como suppõe Marquez de Sousa, e nós com o distincto escriptor, teve a feliz idéa de o deixar memorado em uma de suas mais notaveis composições, e decerto uma das mais naturalistas que o seu inconfundivel lapis logrou traçar, como superiormente observa o nobre biographo que vamos passo e passo seguindo.

«Limitou-se o artista, diz Marquez de Sousa, a reproduzir o que vio e como o vio. Não ha propriamente composição n'este trabalho que representa o largo de Arroios, como então era, tendo no centro um cruzeiro que já não existe. [2] A scena

[1] Quando nesta *Revista* démos a noticia do testamento de Pedro Alexandrino de Carvalho, fizemos notar (N.os 730 a 732 abril do corrente anno) que a numeração policial nas ruas da «*B iza*» começou a apparecer em setembro de 1802, e em certas vias publicas mais afastadas havia-a já, de certeza, em 1805.

Marquez de Sousa viu um recibo da renda destas casas entre os Mss. que se referem a Sequeira, e que se acham na bibliotheca da Academia Real das Bellas Artes. E' possivel que este recibo esteja redigido em termos que não mencionem o n.º do predio, circumstancia que, por importar novidade, bem natural será que escapasse ao senhorio, em tempos em que o Fisco se mostrava menos pechoso n'estas minucias.

Morando porém Sequeira no predio de Bonjardim tres annos, pelo menos, não existirão mais recibos do senhorio?

Occorre, por outro lado, que não tendo havido severa conservação da numeração chamada *antiga*, em relação á que actualmente vigora, ha de ser mais difficil chegar a atinar com o predio em questão, se elle estiver de pé ainda, se bem que nos parece não ser de todo impossivel, querendo-se.

[2] Como já dissemos em nosso primeiro artigo a este proposito, o Cruzeiro, ou, mais appropriadamente, a obra de arte que se chama o «*Cruzeiro de Arroios*», está recolhida e estimada na proxima parochia de S. Jorge, e temos idéa de ter lido que o actual meritissimo parocho providenciou de modo que estivesse exposta ao publico, porque realmente o merece.

O que desappareceu, e não deixou saudades artisticas, foi a especie de barraca telhada e envidraçada, que se vê na estampa, e que estava bem longe de ter o merecimento da bella maquineta que encerrava a estatua de S. João Nepomuceno, na desapparecida ponte de Alcantara, coroada com sua estrella de crystal de bellissimo effeito.

O *Cruzeiro de Arroios* foi descripto no Archivo Pittoresco, acompanhando a descripção uma bellissima gravura do monumento.

Quanto ao aspecto do largo, cujo lado esquerdo ainda conhece-

DR. JOAQUIM EVARISTO

é vista do lado de Lisboa, e a amplidão da praça está cheia de variadissimos grupos de transeuntes e de emigrados. Ao lado esquerdo, os caldeirões em volta dos quaes se accumulam os infelizes provincianos, enxergando-se entre elles um magistrado de chapeu embicado e bota de canhão, buscando conservar a ordem e manter uma tal ou qual policia. Ao lado direito, sentados ao sopé do palacio dos senhores de Pancas, e estendendo-se quasi até ao meio do largo, grande numero de mulheres e creanças já com a sua ração distribuida, e comendo soffregamente...

«Pelo centro do quadro desenrolam-se recuas de cavalgaduras carregadas, carros de bagagens militares, machos transportando fardos; para o lado das portas que levam á estrada de Sacavem caminham vagarosas algumas juntas de bois puxando peças de artilheria. Pelo centro passam a cavallo varios officiaes.»

mos tal qual o mostra o desenho de Sequeira, esse diversificou seu tanto.

Foram arrasados os barracões que serviram de cocheiras dos senhores da casa de Linhares, e em seu logar construidos alguns predios, até tornejar para a actual rua de Paschoal de Mello.

Pelo que toca á parochia de S. Jorge, não pode a estampa assignalal-a, mesmo ao rez da sua margem direita, porque ainda não estava construida em 1813.

Este edificio só foi começado em 1820, sendo sagrado em 8 de novembro de 1829, dia em que para elle passou solemnemente o Santissimo Sacramento, trasladado da ermida de Santa Rosa de Lima, pertencente ao palacio do senhor de Murça, a Arroios, onde provisoriamente se mantinha a séde da freguezia.

Tal é a descripção que o nobre biographo que tomou a si o não menos nobre encargo de o ser do illustre auctor d'este desenho, nos deixou d'elle. O leitor attento terá occasião, analysando a reduzida transposição photographica do proximo passado numero d'esta *Revista*, de certificar-se da escrupulosa verdade d'essa descripção. Segundo o auctor que temos seguido, o desenho original da gravura, que é executado á sepia, mede $0,^{m}78$ de comprido por $0,^{m}42$ de largo.

Raczynski, referindo-se á gravura, em seu *Dictionaire Historico Artistique*, escreve que esta mede 81 cent. por 43, tendo as figuras do primeiro plano 8 cent.

No seguinte artigo diremos o mais que se nos offerece a este interessante respeito, continuando a tomar por guia o mesmo biographo conspicuo de Sequeira, ao qual seria solercia não recorrer, visto como, sobre os principaes pontos d'este assumpto, nada de melhor nem mais completo nos seria permittido escrever.

Gomes de Brito.

O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

(Narrativa de um marinheiro)

(Continuado do numero antecedente)

Acabada a conferencia, disse o capitão que fossemos nos bateis a terra, a reconhecer o rio e tambem para nos distrahirmos. Fomos todos nos bateis para terra bem armados, levando comnosco a bandeira.

Os naturaes andavam pela praia á bocca do rio, onde nós iamos, e, antes que chegassemos, pelas advertencias que já nas outras vezes lhes tinhamos feito, depozeram logo os arcos e acenavam para que saissemos. E assim que os bateis aproaram á terra, varando na praia, passaram elles todos para além do rio, o qual não tem mais largura do que um jogo de malha.

Logo que desembarcámos alguns dos nossos passaram o rio e foram para junto dos

O BILHAR NO CONVENTO

naturaes da terra e andavam entre elles. Alguns esperavam os nossos, outros affastavam-se mas este movimento mais ajudava a mistura de todos. Por qualquer cousa que se lhes dava, sombreiros e carapuças de linho, trocavam elles os arcos e as settas.

e quando o capitão fez tornar todos, dirigiram-se-lhe alguns d'elles, não por o conhecerem por senhor, pois me parece que não entendem tal cousa, nem tomaram d'isso conhecimento, mas porque a gente nossa passava já para áquem do rio.

e quartejados tanto pelo corpo como pelas pernas, o que decerto lhes parecia muito bem. Tambem andavam entre elles umas quatro ou cinco mulheres moças, egualmente nuas, que não me pareceram mal, e com ellas uma trazendo a coxa desde o joelho até

A PERDIZ

Passaram para além do rio tantos dos nossos e andavam tão misturados com elles, que estes já se esquivavam e affastavam, e fugiam para onde estavam os outros. Então o capitão fez-se tomar ao collo por dois homens, e, passando o rio, fez tornar todos os nossos. A gente que alli estava não era em maior numero que a que costuma apparecer;

Vinham os naturaes falando e gesticulando, trazendo muitos arcos e continhas das já referidas e os trocavam por qualquer cousa, de tal maneira que se trouxeram d'alli para as náos muitos arcos, settas e contas.

Entretanto voltou o capitão para a parte de cá e logo acudiram muitos á beira do rio. Era vêl-os alli pintados de preto e vermelho,

ao quadril e a nadega todas tintas de preto, e o resto do corpo da sua propria côr. Uma outra trazia ambos os joelhos com as curvas assim tintas, e tambem os peitos dos pés, e, embora toda descoberta, mostrava tanta innocencia que não causava vergonha. Tambem alli se via outra mulher moça com um menino ou menina ao collo, atado com um

panno aos seios, e não lhe appareciam senão as perninhas, mas as pernas da mãe e o resto do corpo não traziam nenhuma cobertura ou pauno.

Depois caminhou o capitão para cima, ao longo do rio, que segue sempre a direito da praia, e alli esperou um velho que trazia na mão uma pá ou remo de almadia. Esteve com elle o capitão e falou-lhe perante nós todos, sem ninguem o entender, nem elle a nós quantas cousas lhe perguntavamos ácerca de ouro, que nós desejavamos saber se o havia alli na terra.

Trazia este velho o beiço tão furado, que lhe caberia bem um dedo pollegar pelo buraco; n'elle tinha mettido uma pedra verde ordinaria que sahia um pedaço para fóra. Fez-lh'a o capitão tirar. Então elle, fallando não sei quê, quiz mettel-a na bocca do capitão, mas este se enfadou e o deixou.

Um dos nossos homens deu ao velho pela pedra um chapéo velho, não porque ella valesse alguma cousa, mas por amostra. Deu-a depois ao capitão, que, creio, a manda junta com outras cousas a Vossa Alteza.

Andámos depois por alli vendo a ribeira, a qual é de bastante agoa e muito boa; ao longo d'ella ha grande numero de palmeiras, não muito altas, mas com bons palmitos. Colhemos e comemos muitos d'elles.

Dirigiu-se entretanto o capitão para a bocca do rio, onde desembarcaramos, e além do rio andavam muitos dos naturaes dançando e folgando uns com os outros, sem darem as mãos, mas dançando muito bem.

Passou para junto d'elles Diogo Dias, (*) almoxarife que foi de Sacavem, que é homem gracioso e alegre, e levou comsigo um gaiteiro nosso com o instrumento, e metteu-se com elles a dançar, tomando-os pelas mãos, com o que folgavam e riam, andando muito compassadamente ao som da musica.

Depois de terem dançado um bocado fez Diogo alguns exercicios gymnasticos dando muitas voltas no chão e formando um salto mortal na areia. Os naturaes admiravam-se muito, mas tambem riam e folgavam bastante. Comtudo, embora os captivasse com taes cousas, elles esquivavam-se como animaes montezes, e foram para além.

Então o capitão passou o rio com todos nós; fomos ao longo da praia, indo os bateis assim perto da terra, e chegámos a uma grande lagoa de agoa doce, que estava junto á praia, porque toda aquella ribeira do mar é apaulada por cima e sae a agoa em muitos sitios.

Depois de passarmos o rio, foram uns sete ou oito dos naturaes para junto dos marinheiros que se recolhiam aos bateis, e levaram d'ali um tubarão que Bartholomeu Dias matou e atirara para a praia.

Entretanto tudo se ia passando como elles queriam, para vermos se se nos affeiçoavam, mas logo de uma mão para a outra fugiam como pardaes de celleiro. E não ousavamos fallar-lhes em altas vozes, para que se não esquivassem ainda mais.

Ao velho, com quem o capitão quiz conversar, deu-se-lhe uma carapuça vermelha, e logo que recebeu a prenda se despediu, começou a atravessar a ribeira, e se foi recatando, não querendo mais tornar do rio para cá. Os outros dois, que estiveram nas náos, e a quem se deu o que já disse, nunca mais aqui appareceram. De tudo isto concluo que os naturaes são gente intratavel, e de pouco saber, nem de outro modo se explica o serem tão esquivos.

Admira, pois, que andem tão bem curados e limpos, mas n'isso me parecem ainda mais com os animaes montezes, aos quaes o ar livre faz melhor penna e melhor cabello do que ás mansas. Os seus corpos são tão limpos, tão gordos e tão formosos, que mais não podem ser. Presumo que não terão casas, nem moradas a que se recolham, e o ar a que se criam os faz assim. Pelo menos até agora não vimos casas algumas, nem cousa que se lhes assemelhasse.

Depois o capitão mandou o degredado Affonso Ribeiro, de quem já fallei, novamente para entre os naturaes. Elle assim fez e andou alli um bom pedaço com elles. Mas á tarde voltou á praia, porque elles o obrigaram, não o querendo consentir alli. Deram-lhe arcos e settas, não lhe tomando nada do que levava.

A este respeito contou Affonso Ribeiro que, tendo-lhe um dos naturaes tirado umas continhas amarellas que levava e largando a fugir, elle se queixou, e os outros foram atrás d'elle, tiraram-lh'as e lh'as vieram restituir, obrigando-o depois a vir para a praia.

Referiu mais este degredado que não vira lá entre elles senão umas choupanasinhas de rama verde e de fetos muito grandes como as ha entre Douro e Minho.

A este tempo, sendo quasi noite, nos recolhemos ás náos para dormir.

(Continúa.)

(*) *Diogo Dias*, irmão do grande Bartholomeu Dias, foi tambem um illustre navegador, do qual a narrativa de Vaz Caminha nos dá a conhecer o caracter alegre e folgazão. Na primeira viagem á India era elle o escrivão da náo de Vasco da Gama, sendo então um dos doze portuguezes que acompanharam o grande nauta a terra em Calicut. Foi egualmente um dos dois que entraram com Vasco da Gama no aposento onde o Samorim o recebeu, e um dos dois que ficaram em terra com as mercadorias que tinham de ser expostas á venda, e que ficaram presos em Calicut, onde seriam mortos decerto se não fosse a energia de Vasco da Gama.

No descobrimento do Brazil o seu papel é tambem notavel, como se vê.

H. SUDERNANN

O MOINHO SILENCIOSO

(Continuado do n.º antecedente)

— Hoje vão dançar acolá, na aldeia, diz ella.

— Não se te dava, gatinha, de lá ires tambem.

E ella torce as mãos com um gemido para melhor expressar seu desejo.

— «*Mas, já que não posso, em casa me fico*» cantarola elle.

— Pois não achas escandaloso? continua ella com um ar amuado; nunca dancei comtigo e gostaria tanto .. Tu danças bem, muito bem!

— Como sabes tu isso?

— Ainda tem a desfaçatez de m'o perguntar! diz elle, fingindo-se escandalisada. Lembra-te da festa dos atiradores, ha tres annos. As raparigas contavam a teu respeito maravilhas, que eras um encanto, que as agarravas muito bem na dança, nem de mais, nem de menos; que eras alto e um lindo rapaz. Eu bem o via tambem, mas de que é que isso me servia? os teus olhares de desdem passavam por cima de mim, como se eu não existisse!

— Que edade tinhas tu então?

Fica por instantes como duvidando e por fim responde:

— Quatorze annos e meio.

— Então...! diz elle, rindo.

— Mas era já muito crescida e já muito desenvolvida n'esse tempo, responde ella com vivacidade. Não era coisa que compromettesse a tua dignidade dares comigo duas voltas pela sala.

— Pois olha, compensaremos isso, d'aqui a quinze dias, na festa dos atiradores.

— Sim?... Sim? diz ella com os olhos a brilharem-lhe.

— O Martinho é um dos directores da corporação; tem que lá ir por força.

A Gertrudes solta um grito de alegria, mas de repente fica-se como interdita:

— Não tenho sapatinhos de baile.

— Manda-os fazer.

— O sapateiro cá da aldeia tudo o que faz é tão bruto!

— Se quizeres, escrevo e encommendo-te um par lá na cidade. Basta que me dês a tua medida.

— Sim! Pois queres?... Ó João, meu querido João!

E de repente, largando-lhe o braço, dá um pulo para deante e grita-lhe:

— Vê se me agarras!

E foge como o vento.

O João corre-lhe no encalço, mas está cançado, não a apanha. Na corrida atravessam a ponte levadiça do açude e eil-os na campina immensa que só tem fim, lá muito longe, no pinhal. A Gertrudes furta-lhe uma volta, passa como um seta ao lado de João e, ainda antes que elle possa perseguil-a, já cá está outra vez d'este lado do rio. Já sem folego, pega na cadeia por meio da qual da margem se manobra a ponte levadiça e puxa com toda a força: gira a peça de madeira, gemendo nos gonzos e ergue-se para o ar exactamente quando o João põe pé na ponte. Surprezo, dá um grito e, com um violento esforço, consegue, agarrando-se á viga suster o impulso em que vae, mesmo á beira do abysmo.

A Gertrudes fez-se branca; sem saber de si olha para elle fixamente; elle, procurando tomar ar, mergulha seus olhares no vortice profundo.

— Não me lembrei, João...! balbucia ella com um olhar que implora perdão.

Elle desata a rir. Uma alegria feroz, que lhe faz esquecer todo o perigo, apodera-se d'elle.

— Espera! espera! grita-lhe abrindo os braços; verás se não te apanho.

E com um pulo doidamente temerario atira-se para cima da estreita vigota que atravessa o rio como uma ponte e cuja parte superior se compõe de duas abas inclinadas em forma de telhado.

— João... pelo amor de Deus... João!

Elle nem a ouve. Por baixo as aguas refervem no abysmo; elle procura sempre o equilibrio; avança, treme, cambaleia; só faltam tres passos, dois, um salto animoso... passou!

— Vamos, corre, diz elle soltando um grito de alegria selvagem.

Mas a Gertrudes fica immovel. Paralysada pelo medo, olha fita para elle. Saltando como um tigre precipita-se sobre ella; estreita-a nos braços, aperta-a contra o peito. E ella fecha os olhos, mal respirando; elle aperta-a e chega a bocca sequiosa e abrasada aos labios d'ella tremulos. A Gertrudes solta um enorme grito de dôr: o corpo agitado pela febre treme nos braços do João. Então elle deixa-a escorregar até ao chão. Observa tudo em volta com um olhar medroso. Ninguem teria visto?.. Não... ninguem... Mas que vissem? Que importava?... O irmão do Martinho tem licença para dar um beijo na mulher do Martinho. Não foi elle até quem o exigira um dia?

Ella abre os olhos; parece acordar d'um sonho.

Seus olhos fogem dos de João.

— Não foi bem o que fizeste, João. D'hoje em deante porhibo-te que tornes...

Sem responder-lhe abaixa-se para apanhar a rosa que lhe cahiu a ella do corpete.

— Quero voltar para casa, diz ella, olhando em volta, com ar inquieto.

Caminham um ao lado do outro, por instantes, em silencio.

Ella tem os olhos fitos longe, emquanto elle respira com avidez a rosa que apanhou.

— Cheira tão bem! diz com ar innocente.

Ella confirma com a cabeça.
— Gostas de rosas? pergunta-lhe elle.
A Gertrudes volta para elle os olhos. «Como se o não soubesse!» diz aquelle olhar.
— Ouve, continua elle vivamente, porque já não pões flores nos cabellos?
A Gertrudes não responde.
— Já te não mereço isso por acaso?
— Elle é que não quer, balbucia ella.
— Ah! então é outro caso, responde o João atrapalhado.
E morre ali a conversação.

XV

O Martinho na varanda recebe a Gertrudes, censurando-a affectuosamente: tem uma fome de mil diabos e ainda a ceia não está na mesa! A Gertrudes corre para a cosinha para lhe dar uma demão.
Ceiam muito calados. Os dois não tiram os olhos do prato.
Um calor de abafar, intoleravel, cai pesadamente sobre a terra. Um vento abrasador levanta em turbilhões pequeninas nuvens de pó; véos de vapor azulado descem lentamente sobre a terra.
O João encosta a cabeça aos vidros da varanda; mas estão quentes como se o dia inteiro houvessem estado n'um forno.
De repente a Gertrudes levanta-se.
— Onde vais? pergunta-lhe o Martinho.
— Até ao jardim, responde.
Momentos depois ouvem-se-lhe os passos na escada da trapeira.
Quando volta, atira um olhar assustado para o João e depois senta-se no seu logar, d'olhos baixos.
Chegam desde a aldeia os gritos de alegria, acclamações a que se juntam as notas agudas da rebeca e os sons graves do contra-baixo.
— Gostavam de lá ir, hein; pequenos?
Elles nada respondem e o Martinho toma-lhes o silencio por uma adhesão.
— Pois então vamos.
Levanta-se; a Gertrudes espreguiça-se com um ar atrapalhado, olha para o João hesitando e diz depois meneando a cabeça.
— Pouco se me dá.
— Que é lá isso? pergunta o Martinho muito espantado. Ha quanto tempo torces tu o nariz a um baile? Estou a ver que houve questões entre os dois, hein?
O João tem um risinho e a Gertrudes vira a cara. De subito, levanta-se, dá as boas noites e safa-se.
Um momento depois separam-se os dois irmãos.
O João, sobe pesadamente a escada e abre a porta do quarto; fluctua no ar um estonteador perfume de flores. Respira fundamente e solta um suspiro de satisfação. Por isso ella foi tão tarde ao jardim! Ao lado do travesseiro está um enorme ramo de rosas e jasmins. Deita-se para cima da cama como se quizesse desapparecer n'aquelle montão de flores. Por instantes, todo se entrega ao sonho tranquillamente, mas torna-se-lhe cada vez mais difficil o respirar e obscurecem-se-lhe as idéas; a cada pulsação, uma dôr pungente como uma pontada atravessa-lhe as fontes; pensa suffocar sob a intensidade d'aquelles perfumes.
Puxando pelas forças todas, ergue-se e vai abrir um dos batentes da janella. Mas nem ali encontra descanço nem frescura. Uma verdadeira onda de perfumes chega-lhe subindo do jardim; um halito abrasador passa-lhe pelo rosto e gotas de chuva mornas afagam-lhe a face. Por momentos, as barricas de alcatrão ardendo na aldeia deitam uma luz duvidosa atravez as nuvens de vapores escuros que velam o horizonte.
O João desce a olhar. Põe-se á espera. Bate-lhe no peito o coração. Parece-lhe seu desejo omnipotente; vai obrigar a janella do andar de baixo a abrir se... Escutem lá, não ouviram ranger devagarinho os feixos?... Abre-se um dos batentes, e, sem receio debruçado para fóra, envolto nos cabellos desenlaçados que esvoaçam, o rosto de Gertrudes ergue se para elle, mudo, apaixonado.
Um segundo... desappareceu.
Deve elle pôr-se a gritar de alegria ou deve chorar?... Nem sabe.
Já póde agora abandonar-se ao delicioso entorpecimento: que effeito lhe podem agora fazer os perfumes?
Despe-se e mette-se na cama; mas, ainda antes que se entregue ao somno, uma vez se senta ainda, deita a mão tremula ao vazo das flôres e n'ellas mergulha o rosto.
Como aquella noite se parece com a primeira, mas que differença entretanto! Então tão socegado e alegre, e agora...
Uma lembrança, porém, acorda n'elle repentinamente, que lhe esfria o rosto; os dedos apertam mais violentamente o vaso; põe-se a escutar, a escutar... parece-lhe que aquelle riso tão franco cuja musica uma vez subiu até elle atravez o sobrado, vai uma outra vez resoar. Escuta com angustia crescente, até que se lhe enche o cerebro de zenidos que bramem, que estoiram como um riso agudo... Sente dentro n'alma nascer-lhe um horrivel sentimento d'odio e d'inveja: com um riso feroz atira para longe o vaso que se faz em migalhas no meio do quarto.
No dia seguinte, pela manhã, o João sente-se todo envergonhado. Junta os pedaços do vaso, ajusta-os e decide que ha de comprar o preciso para concertal-o. Por mais que pense, não póde perceber o sentimento que o obrigou a commetter aquella acção estupida; sabe apenas que era um sentimento baixo e execrando.
Aperta a mão do irmão com cordealidade, como nunca, e olha para o fundo dos olhos d'elle, silenciosamente, como se fosse mister que elle lhe perdoasse algum peccado gravissimo.
A Gertrudes tem a pallidez que dá toda uma noite em claro. Evitam seus olhos os olhos do João e a chicara de café que lhe offerece tinelhe na mão toda tremula.
Não achando melhor assumpto o João fala nos sapatinhos de baile para ao mesmo tempo, apalpar o Martinho. Não levanta este a minima objecção: que a Gertrudes vá já tomar medida: e, como ella não quer descalçar-se defronte do João, chama-lhe «serigaita».
Ella toda offendida, põe-se a chorar e vai-se embóra. Á tarde, volta, muito envergonhada, com a medida e o João manda a carta para o correio.
Mas a lembrança do vaso que quebrou peza-lhe muito no coração; e, quando se acha só com ella, custa-lhe muito, mas confessa:
— Não sabes! Fui um desastrado.
— Porque?
— Parti o teu vaso.
— Ah!... E foi por desastrado?...
— Então porquê?
— Pensei que tivesse sido de proposito, responde ella muito indifferente na apparencia.
Elle nada accrescenta e ella meneia com doçura a cabeça, como se dissesse: «Bem dizia eu!»

XVI

Passam-se dias. As relações entre o João e a Gertrudes são cada vez mais frias. Não evitam encontrar-se, conversam quando se encontram, mas já não são capazes de tornar áquella maneira de falar alegre, á franca e livre camaradagem de outros tempos.
— «Levou-te a mal o beijo que lhe deste,» diz o João comsigo. Mas não repara em que elle tambem mudou.
— Que teem vocês, meninos? pergunta-lhes uma tarde o Martinho a ralhar. Enferrujaram-se-lhes as gargantas, que já não cantam?
Os dois por instantes ficaram-se calados, até que a Gertrudes olhando de lado para o João:
— Queres? pergunta-lhe.
Elle diz que sim com a cabeça; mas como ella não olhou para elle, cuida que lhe não respondeu e, voltando-se para o Martinho, diz-lhe:
— Vês? É elle que não quer!
— Eu!... Não quero?... diz o outro a rir.
— Porque não o disseste logo? replica, procurando pôr-se na mesma alegre afinação.
E logo se põe na attitude do costume para cantar, cruza as mãos sobre os joelhos e fita os olhos longe, na direcção do pombal.
— Que vamos cantar? pergunta.

— «Ai de nós! como seria possivel?»

propõe elle.
E ella sacode a cabeça.
— Nada que fale d'amores, diz um pouco seccamente: é sempre tolo!
O João dirige-lhe um olhar espantado. Depois de pensar um momento, a Gertrudes entôa uma canção de caçadores, elle ataca vigorosamente a sua parte e as duas vozes fundem-se n'uma só como duas ondas no mar. Espantados da afinação, olham um para o outro: nunca haviam tão bem cantado.
Mas depressa chegaram ao fim. É que nós allemães temos poucos cantos populares que não sejam cantos d'amor.
É ella quem se decide:

«Linda roseira, toda em flôr,
Quando vejo o meu amor...»

Assim começa, parecendo soltar um grito de alegria.
Elle olha sorrindo para ella, que toda córada desvia o olhar. Por si cahiu no laço.
Animam-se-lhes as vozes com vida extraordinaria: parece que lhes bate o compasso o bater dos corações. Tomam vulto, erguem-se como levadas pelas ondas do sangue. Depois abatem se como se n'elles houveram seccado as fontes da vida por alguma dôr intima e profunda.

«E pois não se pode dizer tudo
E o amor é infinito,
Pergunta agora aos meus olhos
Quanto ao coração me foste cara.»

Porque trocam assim um olhar? Porque tremem ambos como se lhe sacudisse os membros um choque electrico?

«Nem uma só hora corre da noite,
Que não desperte o meu coração,
Que em ti não pense,
«Que não se lembre de quanta vez teu coração já deste.»

Que embriaguez de paixão n'aquelles accentos febris! Como as duas vozes parecem procurar-se, na anciedade de se beijarem!

«Ha salgueiros á beira da corrente,
Os valles são cobertos de neve,
Temos que nos separar, minha filha:
Parto para a guerra, vou desafiar a morte;
Cruel separacão é esta, ó minha amada!»

Perdem-se-lhes as vozes n'um murmurio fremente. Acabou-se: desejos e esperanças, tristezas da separação, dôr da morte, tudo trahem os sons que se lhes escapam dos labios.
Contrahe-se o rosto da Gertrudes, como querendo suster as lagrimas; mas brilham seus olhos e, de repente, pondo-se em pé, entôa a velha e melancolica canção do moleiro, a canção da casa doirada que se ergue «além no alto da montanha.»
O João estremece, treme-lhe a voz, quando chega a sua vez. Acabaram a primeira copla, vão começar a segunda:

«Lá em baixo, no valle,
Faz a agua mover uma roda
Que só moe amor,
De dia e de noite.
Quebrou-se a roda do moinho...»

E logo um grito... uma queda... A Gertrudes deixou se cahir em frente do banco e com o rosto apoiado ao tabique, soluça desesperadamente.
Os dois irmão põem-se em pé n'um repente. O Martinho segura-lhe a cabeça com as duas mãos e põe-se a gaguejar palavras desordenadas, entrecortadas e confusas. Mas a Gertrudes soluça ainda mais violentamente.
E o Martinho, desconsolado, bate com o pé no chão, volta-se para o irmão que está pallido como um morto, e pergunta-lhe:
— Mas o que tem ella?
Então a Gertrudes atira-lhe os braços ao pescoço, põe-se nos bicos dos pés e esconde-lhe no hombro o rosto alagado em lagrimas, como procurando n'elle protecção. Elle afaga-lhe com carinho os cabellos revoltos e procura socegal-a; mas, pobre Martinho, entende lá nada d'isso! Cada palavra que rosna a meia voz parece uma praga abafada.

(Continúa).

Recebemos e agradecemos:

Gonçalves Crespo — *Poesias (Não entradas na edição de suas «obras completas») — Barcellos — Typographia da «Aurora do Cavado» — Editor — R. V — 1898*

N'um pequeno volume publicou o infatigavel bibliophilo sr. Rodrigo Velloso algumas poesias do mallogrado poeta Gonçalves Crespo, a quem o OCCIDENTE tem sempre rememorado com saudade e homenagem.

Calcula-se, pois, o natural alvoroço com que lemos mais estas joias da poesia portugueza e o muito agradecimento em que ficamos pela offerta que o illustrado collecionador sr. Rodrigo Velloso nos fez do exemplar n.º 67 da tiragem limitada.

Originou este trabalho o ter-se publicado ha tempos em Lisboa, n'uma primorosa edição, as obras completas de Gonçalves Crespo, e n'ella haver-se excluido certas poesias que ao sr. José de Sousa Monteiro pareceram falsamente attribuidas ao notavel poeta.

Conhecendo algumas composições publicadas e assignadas por Gonçalves Crespo, em diversos periodicos, e que não entraram na referida collecção, o sr. Rodrigo Velloso deu á estampa esta collecção, que precedeu de uma pequena introducção que termina assim:

«Este meu sentir levou-me a tentar recopilar todas as composições com o nome de Gonçalves Crespo e sobre cuja paternidade—a sua—não haja duvida, e a reunil-as em este pequeno tomo com que, para os admiradores do gentilissimo poeta, ficasse tanto quanto possivel *inteira* sua obra immorredoura, crendo bem e esperando que a boa conta, ainda que incompleta por certo, me será levada esta tentativa.

«A alguns amigos e cultores das boas lettras recorri eu no alcance de lograr bom exito para o meu empenho, e aqui lh'o agradeço cordealmente, sendo aquelles a quem devo maior cabedal para elle os srs. Candido Augusto Nazareth, de Coimbra, e Joaquim de Araujo, o nosso benemerito consul em Genova.»

Contra o que seria para esperar não é pequeno o numero d'essas poesias nobremente arrancadas a um tão provavel como forçoso olvido nos velhos numeros de antigos periodicos das provincias.

São ellas as seguintes:

A Rossi—Por noites de lua—Vertigem—Na floresta—Serenata—Creancice—O Autographo—O primeiro beijo—Jatyr e Coema—Homenagem no natalicio de sua Mãe—O ceguinho—O gallo e a perola—Um dia sem te vêr—A Catherina Lebouys—Hymno dos quintanistas de Direito—A Dupuy—Os dous sarcophagos—Adeus—A um condiscipulo—Soneto—A Williams—De noite—A' actriz Ernestina—A' liberdade—Saudade—En voulez-vous—Barcarola—Amor e Alma—Em jornada.

Estas poesias são acompanhadas de interessantissimas notas.

Os nossos parabens, pois, ao illustrado pugnador da integridade da obra de Gonçalves Crespo.

Hamilton de Araujo, *Canções d'um bohemio—Barcellos—Typographia da «Aurora do Cavado»—Editor—R. V.—1899.*

O mesmo nobilissimo intuito litterario que presidiu á collecionação do trabalho referido na noticia anterior impulsionou o esclarecido bibliophilo sr. Rodrigo Velloso. Bem haja quem salva do esquecimento as producções ineditas ou já perdidas de poetas portuguezes, cuja passagem pela vida litteraria deixou rastro tão brilhante.

Pena foi que o sr. Rodrigo Velloso não exercesse a sua selecção intelligente com o que teria ganho muito mais a obra de Hamilton. Felizmente pouco havia a expurgar.

Comtudo não podemos deixar de respeitar a resolução do operoso escriptor de não ousar «*fazel-a com receio de metter mão profana onde ella não devia entrar*» como o declara na sua elucidativa introducção.

Illustra o volume um retrato do poeta.

Foram cooperadores do trabalho presente com o sr. Rodrigo Velloso a sr.ª D. Custodia Candida Pereira de Araujo, mãe do poeta, e o sr. Augusto Gonçalves Dias.

Fomos egualmente distinguidos com o n.º 67 da tiragem limitada de 100 exemplares.

Boletim *da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes (Fundada em 1863)—Premiado na Exposição da Imprensa portugueza, em maio de 1898 (Grande diploma d'honra)—Terceira serie—Tomo III—N.os 7 e 8.—Typ. Franco-Portugueza (Officina Lallemant) 6 Rua Antonio Maria Cardoso—Lisboa 1899.*

O presente volume do apreciado boletim da Real Associação dos Archeologos vae já deveras interessante. Contribuem para isso a selecta collaboração, em geral, e o alto valor de alguns dos trabalhos insertos, em especial.

N'estes dois numeros reunidos notam-se, além dos documentos e actos da assemblea geral, os seguintes artigos:

Subsidios para a historia da esculptura em Portugal pelo sr. Sousa Viterbo, em que fala de João José d'Aguiar e de Antonio de Padua. *Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal Antigo e Moderno»* de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, pelo sr. Eduardo A. da Rocha Dias. *O pelouro de Odivellas*, pelo sr. Cavalleiro e Sousa. *Apontamentos da legislação portugueza* relativa a archeologia, etc., e respectiva ao anno de 1892. *Uma descripção de Lisboa antiga*, em verso hespanhol, de Tirso de Molina, que se encontra no 1.º acto, scena XIV do *El burlador de Sevilla*, e da qual se deprehende que o grande escriptor esteve na nossa capital, pela maneira como o seu personagem *Dom Gonzalo* a descreve. *Arredores de Lisboa*, antiga relação anonyma feita em quadras de verso solto de sete syllabas, na qual «se trata e faz uma breve descripção dos arredores mais chegados á cidade de Lisboa, e seus arrabaldes, das partes notaveis, egrejas, ermidas e conventos que tem, começando logo da barra, vindo correndo por toda a praia até Xabregas, e e d'ahi, pela parte de cima, até S. Bento *o novo*.» Esta relação é concluida do numero antecedente. Foi impressa por «Antonio Aluarez, com licença, em Lisboa, Anno de 1626.» *Mosteiro de São Salvador de Grijó*, pelo sr. José Pinto da Silva Ventura, é uma interessante monographia, já continuada de outros numeros e que ainda prosegue.

De todos estes trabalhos não podemos deixar de mencionar com a mais justa distincção aquelle que o sr. E. A. da Rocha Dias vem publicando, e que acima citamos.

Não são umas simples notas e indicações, como muito modestamente o auctor as intitula, as referencias bibliographicas com que enriqueceu a enumeração das noticias archeologicas amontoadas no vasto trabalho de Pinho Leal. São uma bem elaborada synthese de elementos dispersos da archeologia nacional e uma indexificação muito cuidada e completa, nos parece, das referencias ao objecto de cada uma das noticias e que se encontram em manuscriptos ineditos, livros e revistas portuguezas e extrangeiras, tanto da especialidade como extranhas a ella.

Essa indexificação representa uma somma enorme de trabalho, que nos permittimos avaliar, e representa um valiosissimo serviço prestado duplamente á archeologia do nosso paiz pelo lado dos seus monumentos e pelo lado da bibliographia respectiva.

A rigorosa minucia das indicações é verdadeiramente benedictina. Cita-se a obra, o volume, a pagina e quasi até a linha, onde se lê a referencia encontrada e que, embora de pequena extensão, é luminosa, elucidativa ou assaz interessante.

Muito seria para estimar que, para mais facil acquisição e manuseamento, o auctor, ou a conceituada Associação, fizesse uma publicação separada de tão apreciavel e util indice.

Será um livro que poupará muitas horas de rebuscas inuteis, ou de mero palpite, aos estudiosos.

UM MENDIGO

(Desenho do sr. Manuel de Macedo)